

27/12/80

COMENTÁRIO

A PROPÓSITO DE FOTOGRAFIA

A NOSSA HISTÓRIA PELA IMAGEM



Abordámos na edição de ontem a intempestividade de um anúncio lesivo dos direitos dos fotógrafos, amadores ou profissionais, nacionais ou estrangeiros. Prometemos voltar ao assunto para combater e denunciar outros aspectos negativos imperantes entre nós, nos domínios da actividade do fotógrafo, seja ele amador ou profissional, nacional ou estrangeiro.

Citámos o exemplo da reconstrução do Teatro da Ópera de Dresden, mercê de não ter havido, ao longo do tempo, a proibição de fotografar aquele monumento arquitectónico, aquele centro cultural especializado, onde a canção e a música renascem para deleite dos melómanos. O exemplo do Teatro da Ópera de Dresden foi oportuno, intencional até, por se poder relacionar, precisamente, com o canto e a música.

Hoje, vamos abordar, como prometemos, outros aspectos negativos relacionados com a actividade dos fotógrafos, sejam eles amadores ou profissionais, sejam eles nacionais ou estrangeiros.

Vamos recuar no tempo, não muito. Vamos recuar até à fundação da FRELIMO. Graças aos fotógrafos, podemos saber hoje como os fundadores da Nação procederam na construção da Unidade Nacional. Graças aos fotógrafos amadores e profissionais, nacionais e estrangeiros, há imagens do transporte de viveres e de armamento e munições, de feridos, das primeiras escolas, dos primeiros hospitais, dos primeiros campos de treino, dos primeiros centros de produção, das bases, da variada actividade das zonas libertadas, da acção libertadora das Forças Populares de Libertação de Moçambique contra o ocupante, dos 1.º e 2.º Congressos da FRELIMO.

Através das fotografias, tiradas por amadores e profissionais, nacionais e estrangeiros, temos a figura dos nossos heróis a quem devemos epopeias

como Nachingueia, como Tunduru, como as bases da Beira e outras, assim como a variada actividade de alfabetização, da emancipação da Mulher, da criação do Homem Novo.

Também através das fotografias, tiradas por amadores e profissionais, nacionais e estrangeiros, foi possível viver os grandiosos momentos do regresso à sua terra do incontestado dirigente do Povo, o Presidente Samora Machel, nas vésperas da nossa Independência.

Por isso não compreendemos a obtusa atitude de quantos se obstinam a proibir o fotógrafo, amador ou profissional, nacional ou estrangeiro, de tirar fotografias da nossa evolução desde a Independência até hoje.

Não podemos compreender, tao-pouco, a agressão ao fotógrafo, o danificar das máquinas fotográficas, a sua apreensão ou confisco e todo o rosário de prepotências, de prisões, de detenções, infelizmente numerosas, feitas por pessoas pouco esclarecidas.

Em todo o mundo existem zonas onde não é possível a qualquer um tirar fotografias. Abordaremos este tema em próxima edição.

Hoje, e a ilustrar este texto, trazemos à estampa uma fotografia histórica. Essa foto foi tirada por um fotógrafo estrangeiro. Ela exprime, fixou para a posteridade, um dos muitos momentos dos variados encontros havidos entre Samora Machel e Eduardo Mondlane, quando ambos se empenhavam, abnegadamente, na luta de libertação, na consolidação da nossa nacionalidade.

Felizmente, nessa recuada época, não havia entres à acção dos fotógrafos, amadores ou profissionais, nacionais ou estrangeiros.

Felizmente!

W. W.